

## TEMPOS DE BARBÁRIE: FASCISMO, NAZISMO E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1919-1945)

UNIDADE

IV

### Objetivos de Aprendizagem

- Compreender o período entreguerras e a conjuntura econômica e política que levaram o mundo à nova barbárie.
- Verificar a relação intrínseca entre a crise econômica de 1929 e a ascensão dos fascismos.
- Aprender a tragédia do nazismo e sua ascendência teológica e política.
- Entender as causas da Segunda Guerra Mundial, bem como suas consequências.

### Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Da reconstrução ao caos: o pós-guerra até a crise 1929
- Ascensão do fascismo: autoritarismo e totalitarismo
- Nazismo: Hitler e o grotesco terceiro Reich
- A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

## INTRODUÇÃO

Muitos observadores e intelectuais que vivenciaram o terror da Primeira Grande Guerra afirmam que houve um impacto traumático na mentalidade de toda uma geração, com o terror das armas modernas e das trincheiras. Muitos dos soldados sobreviventes voltaram mudos para casa, outros tantos mutilados física e psicologicamente.

O filósofo Walter Benjamin (1994, p. 115), no ensaio “Experiência e pobreza”, afirma que “nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, e experiência moral pelos governantes”.

A esse trauma coletivo de guerra somar-se-ia a perda de experiência pelas formas de trabalho mecanizado, do qual o filme “Tempos modernos”, de Charlie Chaplin, é o exemplo maior. O homem reduzido a mero autômato nas linhas de produção, moldadas pela teoria do “Taylorismo”, do qual falaremos adiante.

Esses fatores, em conjunto, aliados à grave crise econômica que se seguiu por toda a década de 1920 produziam os embriões do fascismo e, conseqüentemente, da Segunda Guerra Mundial. Portanto, a crise econômica e a queda da bolsa em 1929 estão intrinsecamente relacionadas à ascensão do fascismo italiano e alemão, bem como sua consequência: a Segunda Grande Guerra.

O entremeio do século XX produziu as maiores barbáries não apenas da história contemporânea, mas de toda a humanidade enquanto civilização. No lugar da guerra de gases e trincheiras, há o Holocausto e as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Não por acaso, alguns analistas abordam o período que estudaremos como “A guerra dos trinta anos” (mais precisamente 31 anos, de 1914 a 1945), em que a segunda guerra é abordada diretamente como consequência da primeira, com apenas um intervalo de vinte anos para rearmamento, recrutamento e treinamento de novos soldados.

## DA RECONSTRUÇÃO AO CAOS: O PÓS-GUERRA ATÉ A CRISE DE 1929

Na declaração mútua de guerra entre as potências europeias em agosto de 1914, Edward Gray, um observador inglês, disse profeticamente que “as luzes da Europa estão se apagando e não as veremos brilhar outra vez em nossa existência” (apud HOBSBAWM, 1998, p. 451). A perspicácia da frase vai além das muitas consequências da Grande Guerra. Apenas em termos conceituais, a guerra terminou em novembro de 1918, pois, em termos práticos, econômicos e políticos, ela continuaria no decorrer da década de 1920, ainda que nos bastidores.

Há um vício eurocêntrico em muitos historiadores, na insistência em ver os efeitos da Primeira Guerra apenas no continente Europeu. No Velho Mundo, a guerra realmente terminou no final de 1918, porém nos países periféricos como Turquia, Rússia, países do Oriente Médio e até no Brasil – a única nação latino-americana que participou do conflito mundial – os efeitos da Grande Guerra seriam percebidos em todo o decorrer da década seguinte. Até mesmo nos Estados Unidos, maior potência mundial desde 1913 e o grande vencedor da guerra, os efeitos seriam catastróficos.

A Turquia perdeu seu secular Império Otomano e mergulhou em uma longa guerra interna pela sucessão do poder até a elevação de Mustafá Kemal. Durante esse processo devemos lembrar do massacre dos armênios, o primeiro Holocausto do século XX. O genocídio que ceifou a vida de aproximadamente um milhão de armênios. O Irã viu-se mergulhado na disputa de poder interno, fora o jogo



Figura 17: A imagem ilustra bem as condições econômicas e trabalhistas da década de 1920. A pujança capitalista e a insegurança financeira.

de áreas de influência controlado pela Inglaterra e França no Oriente Médio. No pós-guerra, houve a tentativa de instalar um soviete iraniano ao modelo bolchevique, porém culturalmente diferente dos russos. O Brasil teve participação discreta na guerra ao lado dos EUA, com colaboração estratégica da Marinha de Guerra e seus dois únicos encouraçados modernos da classe *Dreadnought*, alguns cruzadores, torpedeiros e navios de apoio. Mas, quando finalmente conseguiu chegar à zona conflagrada, em novembro de 1918, a guerra já havia se encerrado. Os planos do Brasil para assegurar uma das cadeiras permanentes da Liga das Nações também foram frustrados.

Não obstante, como vimos na unidade anterior, as maiores consequências da guerra recaíram sobre a Alemanha. Pelo famoso artigo 231 do Tratado de Versalhes, chamado “Cláusula de Culpa de Guerra”, os alemães assinaram um humilhante armistício com os aliados da Tríplice Entente. Com a abdicação do Kaiser Guilherme II em novembro de 1918, houve um princípio de Revolução, liderado pelos comunistas Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Com a eclosão do chamado movimento Espartaquista em Berlim (1919) e da efêmera *Räterepublik* (“República dos Conselhos”) na Baviera (1918-1919), a Alemanha esteve às portas de uma guerra civil. De um lado estavam os comunistas, em torno da Liga *Spartakus*, em luta contra a monarquia e pela construção do socialismo aos moldes da Revolução Soviética; de outro lado estavam os social-democratas, liderados por Friedrich Ebert, partidários de uma República parlamentarista.

As greves, a fome e a penúria causada pela longa guerra de 1914-1918 contribuíram para a situação de duplo poder, onde os alemães não sabiam ao certo a qual das Repúblicas pertenciam, se à social-democrata ou à Espartaquista. Mas, ao contrário da Revolução Russa, organizada e sistemática, a breve utopia alemã durou apenas alguns meses, efetivamente de novembro de 1918 a janeiro de 1919. Seu caráter espontâneo e o mínimo apoio militar aos socialistas permitiram que o levante fosse rapidamente sufocado, com o assassinato sumário dos líderes Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, em 16 de janeiro de 1919. Ironicamente, um dos lemas mais famosos de Rosa Luxemburgo era “socialismo ou barbárie”. Com a ascensão do nazismo, da Segunda Guerra, do Holocausto e das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, pode-se dizer que a profecia de Rosa estava correta.

A sede do governo alemão foi transferida de Berlim para Weimar, ou República de Weimar (1919-1933). Uma nova Constituição foi elaborada, com algumas pautas progressistas como o voto feminino, alguns direitos trabalhistas, jurídicos, que vieram a inspirar muitas outras Constituições liberais no século XX. Contudo, a nova Constituição promulgada em agosto de 1919 trazia consigo algumas falhas que viriam a ser utilizadas por golpistas e nazistas. Ela continha uma cláusula em que, nos momentos de crise ou ausência da maioria parlamentar, o Parlamento poderia ser dissolvido

pelo Presidente que escolheria um novo Chanceler. Some-se a isso o fato de que os militares tinham *status* diferenciado na hierarquia da República, não apenas pelos bravos feitos de guerra, mas também pelo esmagamento da liga comunista.

Esses dois fatores em conjunto tornaram a República alemã ambígua e frágil, embora fosse bastante democrática, era também suscetível a golpes de Estado. O primeiro *putsch* (golpe, atentado) ocorreu já em 13 de março de 1920, organizado pelo general Ludendorff e por Wolfgang Kapp. Os golpistas conseguiram tomar o prédio do Parlamento (*Reichstag*) sem luta, mas renunciaram após quadro dias, sufocados por uma greve geral. A segunda tentativa de golpe foi organizada em 1923, conhecida como o *Putsch* da cervejaria de Munique, liderada por Hitler, Göring (um herói da Primeira Guerra que viria a ser o braço direito de Hitler e o segundo na hierarquia nazista) e novamente pelo general Ludendorff.



Figura 18: Karl Liebknecht, líder socialista assassinado em 1919.

O *Putsch* da cervejaria de Munique (local onde os golpistas se reuniam para conspirar e onde também foram presos) não teve muitas repercussões, pois o presidente Ebert considerava o nazismo apenas como um movimento excêntrico e sem importância. Hitler foi condenado a cinco anos de prisão, acusado de alta traição, dos quais cumpriu apenas oito meses em condições de cárcere que mais pareciam um hotel.

A alta inflação foi outro grave efeito do desequilíbrio no pós-guerra. Em 1923, a França ocupou militarmente a região do vale do Ruhr, na Alemanha, para assegurar o pagamento de indenizações. A ocupação desvalorizou o Marco, moeda alemã, a níveis jamais vistos. A unidade monetária foi reduzida a um milionésimo de milhão, ou seja, praticamente deixou de existir, enquanto que as poupanças privadas desapareceram, criando um vácuo quase completo de capital (HOBBSAWM, 1995, p. 94). Há relatos extremos que nos dão uma ideia da catástrofe, como as memórias do próprio Eric Hobsbawm, em que seu avô sacou uma grande quantidade de dinheiro e descobriu que ele poderia pagar apenas um café. O historiador Marc Ferro (1995) descreve homens carregando carrinhos de dinheiro para comprar apenas pão.

No fim da guerra, um Dólar valia 4 Marcos; no início de 1923, essa relação vai a 7000 Marcos por um Dólar; no fim desse mesmo ano, um Dólar valia 130 bilhões de Marcos. Os salários tinham que ser reajustados diariamente, o que levou os assalariados e aposentados à miséria. Os exportadores, porém, lucraram fortunas com o Dólar tão alto (LENHARO, 1989).

A crise de 1923 obrigou os alemães a recorrerem a vultosos empréstimos estrangeiros. Com o famoso *Plano Dawes*, junto aos EUA, a condição econômica do país foi momentaneamente saneada. De 1924 até 1929 as economias europeias pareciam dar sinais de ligeira melhora. Todavia, o *crash* da bolsa 29 de outubro de 1929 elevou a crise a níveis extraordinários e, de certa forma, abriu as portas para o fascismo.



Figura 19: No alto à esquerda, o crítico literário Gustave Landauer, comissário do povo para a Cultura na República bávara. No alto à direita, o cadáver de Karl Liebknecht, assassinado em 15 de janeiro de 1919. Abaixo, Rosa Luxemburgo.  
Fonte: Löwy (2009).



Figura 20: Combates de rua em Berlim durante o levante espartaquista, em janeiro de 1919.  
Fonte: Löwy (2009, p. 252).

## A CRISE DE 1929 E O NEW DEAL

A crise de 1929 representou, sem dúvida, o mais trágico episódio da história do capitalismo e o maior desafio para manutenção de sua hegemonia enquanto sistema econômico. Vamos tentar entender, brevemente, o que causou a grande depressão de 1929, por que ela ocorreu nos EUA, país economicamente mais desenvolvido, e seu impacto no decorrer da década de 1930. Entre seus efeitos, estão a queda do liberalismo e a ascensão de regimes “totalitários” como o fascismo.

A economia capitalista funciona como uma rede global de mercados, sendo que o comércio e as trocas existem em nível mundial. Desde 1913, os EUA já despontaram como a maior economia do planeta, produzindo cerca de um terço dos bens de consumo do mundo, pouco abaixo das somas de Alemanha, Grã-Bretanha e França juntas. Em 1929, respondiam por cerca de 42% da produção mundial (HOBSBAWM, 1995, p. 101).

As linhas de montagem industrial, como os parques mecânicos de Henry Ford, popularizaram os bens duráveis como o automóvel. A fábrica, como estudamos na unidade sobre a Revolução Industrial, separou o homem de seu objeto de produção, reduzindo os custos e elevando o produto final em escala industrial. Esse processo separa o processo de criação da execução, a ideia e a produção, a arte e a técnica, pois ao homem cabe apenas o processo mínimo na linha de produção, seu produto não mais lhe pertence, como nos lembra a historiadora Maria Stella Bresciani (1986).

Esse divórcio entre o homem e seus artefatos tem fundamentação teórica na obra de Frederick Taylor (daí deriva *taylorismo*). Nos **Fundamentos de Administração Científica**, publicado em 1911, estão contidos os pressupostos para elevar a produção mecânica sem levar em conta a participação humana no processo de fabricação. Pressupostos teóricos que Henry Ford tornou práticos, produzindo o famoso Ford-T em escala astronômica, barateando os custos e permitindo que um em cada cinco estadunidenses tivesse o carro próprio em 1929.

O exemplo do automóvel Ford apenas demonstra a capacidade de produção dos EUA e um mercado consumidor interno aquecido. Mas essa volúpia industrial ou excesso de produção teria seu limite em 1929. Houve um descompasso entre a produção e o consumo, o que os economistas chamam de “superprodução” e “subconsumo”. Dito de outra forma, a demanda ou procura da massa não poderia acompanhar o crescimento desproporcional de produtos e bens industriais.

Esse desequilíbrio entre produção e consumo leva a uma reação em cadeia em escala global. Se os estoques não vendem, o valor artificial da empresa (na bolsa) também cai, enquanto que o capital de investimentos cessa. Logo, o desemprego aumenta e a população saca as poupanças e não consegue pagar os empréstimos, levando à bancarrota do sistema financeiro. Nesse “efeito cascata”, há a redução do consumo, o que paralisa toda a economia. Sem emprego, a tendência natural é cortar gastos com bens supérfluos, como o café. Assim, os países dependentes de monocultura ou *commodities*, como o Brasil daquele período, maior produtor de café do mundo, também quebram. Por isso o estouro da bolsa de 1929 abalou todo o mundo, já integrado em uma rede de comércio mundial.

Alguns números demonstram o abismo causado pela crise. No pior momento da depressão (1932-33), 22% a 23% da força de trabalho britânica e belga, 24% da sueca, 27% da americana, 29% da austríaca, 31% da norueguesa, 32% da dinamarquesa, e nada menos que 44% da alemã não tinham emprego (HOBBSAWM, 1995, p. 97). Os EUA saíram de uma situação de pleno emprego (cerca de 4% ou 5% de desempregados) antes da crise para um quarto da população ativa desempregada no pós-crise. E a Alemanha à quase metade dos trabalhadores sem trabalho.

Os EUA produziram em 1932 a metade do que tinham produzido em 1929. A recuperação viria lenta e tardiamente, com o presidente Franklin Delano Roosevelt, em torno de uma economia planejada, inversamente à anarquia defendida pelos liberais. Planejamento econômico e cooperação eram as palavras de ordem do *New Deal* (Novo acordo econômico, ou novo modelo econômico) posto em prática a partir de 1933. Além do planejamento econômico, foram adotadas medidas para a recuperação da economia e regulamentação do mercado de capitais, bancos e a bolsa.

Nesse processo em que o governo assume “as rédeas da economia”, houve histeria coletiva dos liberais, temerosos de que os EUA virassem uma economia planificada ao estilo soviético, que, por sinal, parecia imune à crise. A fundamentação teórica do *New Deal* veio com o economista britânico John Maynard Keynes e sua obra intitulada **Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda**, de 1936. O presidente Roosevelt ganhou a fundamentação teórica que precisava para enfrentar a oposição, a Suprema Corte e os liberais, contrários à intervenção estatal na economia.

O keynesianismo – como ficou conhecida a escola de Keynes – tornou-se um dos modelos de economia mais influentes do século XX e seu autor um dos maiores economistas daquele século. Seus pressupostos, quase óbvios, é que em momentos de crise o Estado deveria intervir, financiando o emprego público em massa, assegurando a assistência social (previdência e seguros desemprego). Em suma, o que o *New Deal* fez foi inaugurar o “Estado de bem-estar social”, ou *welfare state*.

Fora dos EUA a presença do Estado na economia também crescia conforme a crise aumentava. A URSS entrava em uma era de rápida industrialização com os

“Planos Quinquenais”, onde a produção industrial soviética triplicou na década de 1930, subindo de 5% dos produtos manufaturados no mundo em 1929 para 18% em 1938. E o mais importante, não havia desemprego na União Soviética (HOBSBAWM, 1995, p. 100). Até os nazistas plagiaram a ideia e Hitler introduziu o “Plano Quadrienal”. Em 1939, a economia alemã já estava 25% acima dos níveis de 1929.

Por esses problemas citados acima é que Eric Hobsbawm denomina o período entreguerras como “a queda do liberalismo”. A teoria do *laissez-faire* (que estudamos na primeira unidade) prevê como uma crença a autorregulação da economia sem a intervenção do Estado, a partir da “mão invisível do mercado” que se equilibra (teoricamente apenas) por meio das leis de oferta e procura, enfim, tal a teoria do liberalismo econômico mostrou-se ineficaz nas décadas de 1920 e 1930.

## ASCENSÃO DO FASCISMO: AUTORITARISMO E TOTALITARISMO

O Fascismo é o movimento político característico do período entreguerras (1919-1945). Não necessariamente está restrito a esse recorte cronológico, mas apenas com severas reservas se poderia situá-lo fora dessa temporalidade. O que veio antes de 1919 ou viria após 1945 podem ser denominados como movimentos de característica profascista ou neonazista, respectivamente. Isso porque apenas no entreguerras existiram as condições ou o “tipo ideal” para o nascimento e desenvolvimento dos fascismos. O que não significa que o fenômeno não possa ocorrer novamente no futuro.

Para o historiador Eric Hobsbawm, o colapso econômico entre as guerras produziu o fascismo e, sem a crise, não teria havido um Hitler. Hobsbawm (1995, p. 133) afirma categoricamente que, não fosse a grande depressão causada pelo *crash* da bolsa em 1929, o fascismo não teria se tornado muito significativo na história do mundo, uma vez que a depressão “transformou Hitler de um fenômeno de periferia política no senhor potencial, e finalmente real, do país”, período esse descrito por Hobsbawm como “a queda do liberalismo”.

A palavra “fascismo” deriva do italiano “*fascio*”, surgiu com Benito Mussolini (1883-1945) e significa literalmente “feixe”. O *fascio* era um feixe de varas em que os litores (legisladores) da Roma antiga carregavam as leis; ele tem por objetivo simbolizar a unidade nacional. Uma tipologia do fascismo pode ser condensada nas seguintes características: antiliberalismo, anticomunismo, nacionalismo exacerbado, com uma liderança carismática (o *duce* para os italianos ou o *führer* para os alemães, literalmente significa condutor, líder ou chefe).

Outra característica marcante do fascismo é sua pretensão “totalitária”, em seduzir toda a população à sua ideologia. Mussolini insistia em que “[...] espiritual ou materialmente não existiria atividade humana fora do Estado, nesse sentido o fascismo é totalitário” (apud ARENDT, 1998, p. 198). O termo “totalitarismo” foi endossado por diversos autores contemporâneos ao fascismo e à Guerra Fria, como a historiadora Hannah Arendt e seu livro clássico **Origens do totalitarismo**. Contudo, atualmente, alguns pesquisadores como Fábio Bertonha (2008; 2013) e Marc Ferro (1995) consideram a expressão “totalitarismo” vaga e imprecisa. Isso porque havia resistência aos regimes fascistas, sobretudo resistência dos comunistas; nem mesmo Hitler conseguiu 100% de aprovação após subir ao poder em 1933. Para se chegar à pretensão megalomaniaca em seduzir ou hipnotizar toda a sociedade, os fascistas fizeram sim o uso do “autoritarismo”, criando diversas polícias secretas, inclusive para vigiar os membros do próprio partido.

Se todo Fascismo fosse meramente sinônimo de fanatismo, intolerância ou autoritarismo, o próprio conceito de fascismo deixaria de existir ou seria reduzido ao debate raso e infrutífero do termo. Em outras palavras, “não é possível ser fascista sem ser intolerante, fanático, irracional, mas o inverso não é verdadeiro”, esclarece o professor e pesquisador do Fascismo João Fábio Bertonha (2013, p. 71). Afinal, se Francisco Franco, Salazar, Costa e Silva, Milton Friedman ou

Olavo de Carvalho são todos fascistas, como entender as diferenças entre eles e com relação a fascistas reais, como Hitler, Mussolini ou Mosley? Essa reflexão proposta por Fábio Bertonha (2013; 2008) é o ponto-chave para compreender o fascismo em suas formas políticas e econômicas sem cair nas armadilhas e preconceitos intrínsecos ao nosso problema e objeto.

Nesse sentido, ficam claros enquanto movimentos fascistas típicos o regime de Mussolini na Itália (1922-1945) e de Hitler na Alemanha (1933-1945), além de Guarda de Ferro na Romênia e a Cruz em Seta na Hungria. As ditaduras de Francisco Franco, na Espanha, de Salazar em Portugal, o Estado Novo de Getúlio Vargas, as ditaduras militares na América Latina etc. podem ser considerados regimes autoritários, porém não são fascistas no sentido estrito do termo. Escreve Hobsbawm (1995, p. 127),

A ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral, e à Revolução de Outubro e ao leninismo em particular. Sem esses, não teria havido fascismo algum.

O que deu oportunidade ao desenvolvimento do fascismo no período entregueras foi o colapso dos velhos regimes e, com eles, as velhas elites dominantes da aristocracia, o que criou um vácuo de poder após a Primeira Grande Guerra. Junta-se a isso a crise econômica que persistiu ameaçadora durante toda a década de 1920 e finalmente explodiu em 1929. Por essas razões, Eric Hobsbawm analisa a ascensão do fascismo como um sintoma de uma grave “crise do liberalismo político e econômico” daquela época. A seguinte passagem deixa isso mais claro:

As condições ideais para o triunfo da ultradireita alucinada eram um Estado velho, com seus mecanismos dirigentes não mais funcionando; uma massa de cidadãos desencantados, desorientados e descontentes, não mais sabendo a quem ser leais; fortes movimentos socialistas ameaçando ou parecendo ameaçar com a revolução social [...]; e uma inclinação do ressentimento nacionalista contra os tratados de paz de 1918-20 (HOBSBAWM, 1995, p. 130).

A fragilidade das novas instituições e a democracia ainda não solidificada realmente contribuíram para a ascensão de Mussolini e Hitler. Em 1922, Benito Mussolini desfilou sobre Roma com seus *Camisas Negras* e chegou ao poder sem a resistência do rei Victor Emanuel III. Da criação do *Fasci di Combattimento* em 1919, depois consolidado como Partido Fascista Italiano, até a elevação como Primeiro Ministro da Itália foram apenas três anos.

Na década de 1930, a expansão fascista mostrou sua verdadeira face. O primeiro alvo italiano foi a região da Etiópia, antiga Abissínia, um importante reino cristão na África, com terras férteis que estimularam a cobiça de Mussolini em reviver o antigo Império Romano no Mediterrâneo. A segunda experiência imperialista foi o apoio tácito que tanto os italianos quanto os alemães sob Hitler deram aos golpistas na Guerra Civil Espanhola de 1937.



#### SAIBA MAIS

Durante a expansão fascista de Mussolini na África em 1935, na região da Abissínia, ou Etiópia, houve ferrenha resistência dos etíopes, liderados por Haile Selassie (1892-1975). O monarca não só barrou o imperialismo utópico dos italianos em reviver o Império Romano na modernidade, mas deu início ao culto sincrético entre religião cristã e música. O nome de Haile Selassie antes de ascender ao trono em 1930 era *Ras Tafari Manoken* (que significa “aquele que é respeitado, nobre de respeito”). Assim, se pode identificar a origem do movimento Rastafari, ou Rasta, que teve em Bob Marley o ícone do Reggae no século XX; uma ideologia de paz e amor ao próximo, mas que teve Haile Selassie como seu fundador. Não por acaso, RasTafari (ou Haile Selassie) ficou conhecido como o “*Negus Negast*”, ou rei dos reis.

Fonte: Moreno (2013, p. 201-212).

A Guerra Civil Espanhola de 1937 deixou claro o futuro da Europa. Foi uma luta de um governo legítimo e democraticamente eleito da República aliado aos socialistas, comunistas e mesmo anarquistas. De outro lado, estavam os generais golpistas, insurgentes que se apresentaram como cruzados contra o comunismo, um conglomerado de direita que ia do fascismo até os monarquistas (os Carlistas) que recebeu o nome de Falange Tradicionalista Espanhola. Dentre os generais golpistas estava o jovem Francisco Franco (1892-1975), que, após o apoio da Alemanha e Itália, governaria ditatorialmente a Espanha até sua morte (HOBSBAWM, 1995, p. 159).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

REFLITA



Durante a Guerra Civil Espanhola, Pablo Picasso pintou um quadro que se tornaria símbolo daquela tragédia. O retrato do bombardeio à cidade de Guernica nos dá uma ideia dos horrores do que ficou conhecido como o “ensaio de Hitler” para a Segunda Guerra Mundial. Reflita sobre a pintura.

Fonte: o autor.



Figura 21: Guernica, de Pablo Picasso.

Fonte: [www.pablocicasso.org](http://www.pablocicasso.org)

## NAZISMO: HITLER E O GROTESCO TERCEIRO REICH

*“O nazismo era mais um velho regime recauchutado e revitalizado do que um regime basicamente novo e diferente” (Eric Hobsbawm, 1995, p. 130).*

Antes de discutirmos sobre o fascismo alemão diretamente, cabe uma advertência: apesar de não ser pesquisador específico sobre essa problemática, considero o tema o mais complexo de toda a Era Contemporânea, por diversos fatores. Por isso penso que não se pode compreender a ascensão nazista na Alemanha apenas em termos políticos e econômicos. Como entender em termos econômicos que a Alemanha, um dos Estados modernos mais evoluídos, onde viveram homens como Goethe, Hegel, Marx, Nietzsche, entre outros pensadores, tenha se deixado cair nas mãos do partido nazista, liderado por um homem como Hitler? Como entender em termos políticos o clima místico dos rituais nazistas, que seduziram os alemães como uma hipnose coletiva, uma espécie de anestesiamento coletivo?

Se você já assistiu ao filme “A queda”, do diretor Oliver Hirschbiegel, que narra os últimos dias do regime nazista pelas memórias da secretária particular de Hitler, deve se lembrar do depoimento dessa funcionária quando diz, ao final do filme, que pareciam viver “num pesadelo, do qual não conseguiam acordar”. Nesse sentido, proponho duas vertentes para a análise do fascismo alemão: a primeira clássica da economia política, que tem em Eric Hobsbawm (1995) o maior expoente; a segunda, menos ortodoxa, que privilegia aspectos teológicos, onde se afirma que não é pela teoria econômica que o misticismo do nazismo pode ser compreendido. Entre os pensadores que analisaram o fascismo por esse viés estão Walter Benjamin, Ernst Bloch e Wilhelm Reich.

Segundo a escola econômica e materialista de Hobsbawm, foi a Grande Depressão que transformou Hitler de um fenômeno de periferia em senhor da Alemanha. Seus argumentos são fundamentados pelo número de votos e da participação política dos nazistas antes e depois da crise de 1929. Após a recuperação econômica com o Plano Dawes de 1923-24, o partido nazista ficou reduzido à participação insignificante de 2,5 a 3% do eleitorado, o que representa um quinto do voto do partido comunista (KPD) e um décimo dos social-democratas (SPD) nas eleições de 1928. Dois anos depois já havia subido para mais de 18%

do eleitorado, tornando-se o segundo mais forte na política alemã. Em 1932, no auge da crise, já era o maior partido com 37% dos votos totais.

No entanto, mesmo Eric Hobsbawm (1995, p. 129), representante da escola histórica econômica e social, pondera ao afirmar que os pontos fortes desses movimentos eram dedicados “às inadequações da razão e do racionalismo e à superioridade do instinto e da vontade”. Na verdade, as duas vertentes explicativas (econômica e a teológica) se equivalem, não são excludentes. Vamos entender parte por parte.

O partido nazista nasce com o nome de “Partido nacional socialista dos trabalhadores alemães”, onde “nazi” deriva das iniciais de nacional e socialista (*Nationalsozialismus*). Logo no início da década de 1920 há a adesão de elementos conservadores, ultranacionalistas, sobretudo antibolcheviques e antissocialistas, além de certo apoio do capital industrial. Como vimos anteriormente, em 1923, Hitler e o general Ludendorff tentaram um golpe, contido na cervejaria de Munique. Na prisão, Hitler redige o famoso *Mein Kampf* (Minha luta), em que estão delimitados os pontos do programa nazista. Muito do conteúdo da obra é meramente demagogo, falso, visando apenas à propaganda eleitoral e à sedução dos vários elementos descontentes da população. No livro, fala-se em “reforma agrária”, em confisco dos lucros da guerra, na punição dos usurários e especuladores; em suma, é um texto direcionado à massa popular de eleitores.

O caráter “socialista” do nazismo resume-se ao nome do partido, nada mais. Os que ressaltam que o nazismo se chamava nacional-socialismo (sem se levar em conta que a soma das duas palavras, aqui, sugere exatamente uma oposição ao socialismo marxista, pois o socialismo não tem pátria, não é nacionalista, é universal) ou que ele utilizava a cor vermelha nos seus símbolos esquecem-se que Hitler afirmou, no próprio *Mein Kampf*, que “roubar” a cor vermelha (como na suástica), forma efetiva da propaganda comunista, dos seus inimigos, era chave para a competição com o comunismo alemão. Ademais, após chegar ao poder em 1933 (de maneira democrática, na urna), a primeira medida de Hitler foi colocar os sindicatos na ilegalidade.



Figura 22: Adolf Hitler e a famosa saudação nazista

Um mês depois de Hitler chegar ao poder, o prédio do Parlamento alemão em Berlim (*Reichstag*) foi misteriosamente incendiado. O fraudulento incêndio do *Reichstag* foi o pretexto para colocar o Partido Comunista na ilegalidade, acusado injustamente do atentado. Os próprios nazistas incendiaram o prédio. Seguindo a política repressiva, Göring cria a *Gestapo*, a polícia secreta do Estado. As grandes indústrias não são nacionalizadas (como prometia o *Mein Kampf*), muito menos ocorre a reforma agrária nem a melhoria dos salários. Pelo contrário, os salários são congelados (LENHARO, 1986, p. 29).

Com a eliminação das tropas dissidentes das SA (*Sturmabteilungen*) ou “Divisões de Assalto” e sua incorporação nas temidas SS (*Schutzstaffel*), as “Tropas de Proteção” do próprio partido, comandadas por Heinrich Himmler, e com a morte do Marechal Hindenburg em 1934, Hitler torna-se o soberano da Alemanha. O episódio da eliminação dos principais líderes da SA, em 1934, ficou conhecido como a “Noite dos Punhais”, em que, sucessivamente, os membros mais influentes das Divisões de Assalto foram sumariamente assassinados, para colocar os seus demais membros sob o controle do poder nazista. O temor de Hitler era que os alemães se dividissem entre ele e Röhm, o influente chefe da SA.

Desde então a máquina de propaganda nazista engendrada pelo ministro Joseph Goebbels e a rápida recuperação econômica mantiveram a população adormecida para os crimes contra a humanidade que o nazismo já cometia antes mesmo da eclosão da guerra. A unidade nazista se realizou pela criação de um clima ultranacionalista, a partir do conceito de “povo” (*volk*), associado

ao sangue (*Blut*) e ao “solo” (*Boden*). A teoria do “espaço vital” para a sobrevivência dos povos arianos (raça superior para os nazistas) na Europa Central os fez eleger dois inimigos: os eslavos e os judeus.

No início do governo nazista, os campos de concentração eram apenas prisões em potencial para dissidentes, comunistas ou subversivos, “e quando a guerra explodiu, não havia mais de 8 mil pessoas em todos eles” (HOBSBAWM, 1997, p. 151). Nesse período, os alemães ainda encaravam a “solução final” aos judeus como expulsão da Europa Central e não como extermínio em massa. De acordo com a filósofa e historiadora judia Hannah Arendt (1999), que viveu e escreveu nos tempos de nazismo e Segunda Guerra, a “solução” para o “problema judeu” foi arquitetado por Reinhard Heydrich, um alto comandante das SS. A primeira solução seria a **expulsão** de todos os judeus da Europa e isolamento provavelmente em uma ilha, a princípio Madagascar, no leste africano. A segunda solução seria a **concentração**, campos de isolamento de judeus; os famosos “guetos” de Varsóvia, na Polônia, são um exemplo, assim como novamente a ideia da ilha de Madagascar. Mas, com a deflagração da guerra e as dificuldades para a emigração de judeus, a terceira solução foi posta em prática, isto é, o **extermínio** de todos os judeus da Europa.

O antissemitismo (aversão, ódio e preconceito contra judeus) data na Alemanha do século XIX. Na Europa, a perseguição aos judeus ocorreu, em maior ou menor grau, por toda a história após a diáspora (dispersão) dos judeus de seu território na Palestina, feito pelos romanos no ano de 71 d.C. Sistemáticamente, os judeus foram expulsos da Espanha no século XV, de Portugal no século XVI e muitos se dirigiram para as regiões da Holanda e Alemanha. No início do século XX, o total da população judaica alemã somava cerca de apenas 1% do total de habitantes daquele país. No entanto, esse 1% ocupava cerca de 10% das vagas universitárias, pois se tornou uma classe abastada de ricos comerciantes e funcionários públicos.

Fora essa “concorrência” com judeus em seu próprio país, os alemães os acusaram de sabotagem durante a Primeira Grande Guerra. Mas o ódio maior talvez venha da ideologia messiânica judaica, uma tradição milenar que mantém essa etnia unida desde Moisés e a saída do Egito. Judeus como Karl Marx, Sigmund Freud, Albert Einstein formaram a vanguarda do pensamento moderno.

Há, portanto, um choque entre duas concepções de pensamento histórico. Esses fatores criaram o ódio nazista, corroborado e endossado pela população alemã e pela perseguição desmedida desde a ascensão de Hitler.



## SAIBA MAIS

É importante notar que a tradição judaica remete ao Êxodo, ou à libertação dos judeus da escravidão no Egito Antigo. Já instalados na região da Palestina, sua “terra prometida”, os judeus enfrentaram os maiores Impérios da antiguidade para manter sua religião e costumes. Em 722 a.C., o cruel Império Assírio. Em 587 a. C., Jerusalém foi conquistada pelos exércitos de Nabucodonosor. O período de cativo na Babilônia, durante o reinado de Nabucodonosor, representou uma verdadeira catástrofe para o povo hebreu. A destruição do templo em Jerusalém, o fim da monarquia e o novo exílio forçaram o reavivamento das crenças messiânicas. Mesmo com a relativa autonomia que os persas (Ciro, Imperador persa venceu os caldeus) relegaram aos povos conquistados, a partir de 540 a.C., a Judeia permaneceria um território controlado. Em 330 a.C., Alexandre, o Grande, ao vencer os persas, não impôs somente um novo governo político aos estrangeiros, impôs também um imperialismo cultural, o processo de helenização do mundo antigo. A resistência judaica aos costumes gregos, helênicos, ocorreu entre 167 e 174 a.C., quando os herdeiros de Alexandre tentaram substituir o culto a Javé pelo deus sírio *Baal Shamen*. Durante esse processo de resistência, houve a pregação dos mais importantes profetas judaicos (Isaias, Jeremias, Daniel), e, na dominação do Império Romano, houve a atuação de Jesus Cristo (Cristo, em grego, é a tradução do hebraico *Maschiah*, ou Messias). Após a crucificação, o livro do Apocalipse (Revelação) remete claramente ao domínio romano. Finalmente, em 71 d.C., os romanos ocuparam a Palestina e expulsaram os judeus, processo conhecido como Diáspora, dispersão. Sem pátria, a etnia semita manteve-se unida pelas tradições do Antigo Testamento e da Cabala.

Fonte: o autor.



Figura 23: Fachada de Auschwitz, maior campo de concentração nazista, onde estima-se que cerca de dois milhões de judeus foram mortos.

Mas a “solução final” como extermínio em massa dos judeus da Europa só teve início em 1942, na Conferência de Wannsee, de caráter secreto e chefiada diretamente por Heydrich. Há um bom filme que reconstrói os debates dessa conferência baseado na ata da reunião, chamado “Conspiração”. A partir de 1942, os judeus de todos os territórios controlados pelos nazistas foram enviados para os “campos de concentração”, locais de escravidão, tortura e morte. O maior complexo de extermínio foi construído na Polônia, o Auschwitz-Birkenau, que aprimorou a tecnologia da morte com as câmaras de gás venenoso. As estimativas dos alemães são que nada menos de dois milhões de judeus foram ali aniquilados, de um total de cerca de cinco a seis milhões de judeus mortos pelos nazistas. Esse episódio recebeu o nome de Holocausto, a tentativa de genocídio de toda uma etnia.

## O MISTICISMO NAZISTA

Os pesquisadores Alcir Lenharo (1989) e Hannah Arendt (1999) afirmam que a população alemã estava bem informada sobre o que se passava com os judeus e a política de guerra dos nazistas. Essa visão impede que aceitemos a tese de que os alemães foram vítimas dos nazistas tanto quanto os judeus. É verdade que as táticas de choque de Hitler e seus comparsas visavam manter a população em um estado de coerção e medo. Mas essa resignação também foi endossada por elementos de uma “política” destinada a atingir o inconsciente do povo. A propaganda nazista teve como objetivo inaugurar o que Alcir Lenharo chama de “sistema de delírio”, um anestesiamento coletivo.

Por isso acredito que apenas a teoria econômica, a crise de 1929, a queda do liberalismo e o revanchismo pelas perdas da Primeira Grande Guerra não explicam o conteúdo místico do nazismo, seu componente teológico de propaganda, visando atingir o inconsciente coletivo da população – o que o psicanalista Carl G. Jung chamou de “arquetipos” ou memórias e fantasias primordiais de uma pré-história tribal. Nesse sentido, a propaganda nazista buscava seduzir os alemães em suas memórias mais íntimas e nas emoções mais sensíveis.

A propaganda visava teatralizar a política, torná-la acessível ao público por meio apenas de formas artísticas e não práticas ou efetivas. Essa “estetização da política” dava ao público a impressão de que fazia parte do sistema, de que era o próprio partido “nacional e socialista”. Nos grandes comícios, desfiles, espetáculos esportivos e guerreiros, todos cuidadosamente captados pelas câmeras de gravação, a massa vê seu próprio rosto, ela tem o direito de exigir ser filmada. Apenas esteticamente, portanto, as massas participam do jogo político (BENJAMIN, 1994).

Hitler considerava que a propaganda deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida em um formato de simples compreensão. “As grandes massas”, dizia ele, “têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca” (*apud* LENHARO, 1989, p. 47). Por isso muito dos eventos do partido nazista ganharam o sentido de um ritual religioso. Até mesmo a suástica, o símbolo nazista, possui um elemento místico. Ela representa duas figuras entrelaçadas, simbolizando a submissão, além de ser um símbolo perfeito, representando o “eterno retorno”.

O caráter de culto religioso dos rituais nazistas pode ser observado nos discursos emotivos de Hitler; na queima de livros proibidos pelo partido, uma mistura de caça às bruxas com ritual de exorcismo católico; no culto aos mortos, os “mártires” do *Putsch* de Munique, em 1923. Até mesmo as novas bandeiras de novas unidades das SA e SS eram “batizadas” por Hitler em um ritual místico semelhante à eucaristia do catolicismo. A consagração das bandeiras era algo análogo à consagração do pão, uma espécie de sacramento (LENHARO, 1989, p. 44).

Alcir Lenharo notou com certo sarcasmo que a ironia do nazismo era comemorar o nascimento de um judeu (Jesus Cristo) no natal. Abolir a religião da mentalidade das massas seria como equiparar-se aos comunistas, em grande maioria ateus e materialistas. Proponho continuarmos essa discussão na “leitura complementar” ao final da unidade, em um texto um pouco mais detalhado sobre as técnicas de persuasão dos nazistas, o que também nos ajuda a compreender a união alemã em torno do projeto do Terceiro Reich.

REFLITA



“A supressão de uma raça [pelos nazistas] era a resposta à exterminação de uma classe, a burguesia [pelo socialismo]”, diz o renomado historiador Marc Ferro (1995, p. 174). Reflita sobre essa passagem elucidativa e objetiva.

Fonte: o autor.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

Ao contrário de 1914, os soldados não foram à Segunda Guerra “com uma flor no fuzil” e muito menos cantando os hinos e canções militares. O trauma da guerra anterior ainda estava presente na memória de toda a Europa. Inversamente a 1914, quando praticamente todas as grandes nações se lançaram à guerra, em 1939 houve a tentativa de evitá-la até o limite. Nesse sentido, novamente fazendo referência à Grande Guerra, na qual há uma abundante lista de causas, a causa da segunda guerra limita-se aos agressores: Alemanha, Japão e Itália. Os demais Estados arrastados à guerra, sendo capitalistas (França, Inglaterra e EUA) ou comunistas (URSS), não queriam o conflito (HOBSBAWM, 1995, p. 43).

Portanto, ainda de acordo com Hobsbawm, o que causou concretamente a Segunda Guerra Mundial foi a agressão pelas três potências descontentes. Durante a Guerra Civil Espanhola, as duas potências fascistas fizeram um alinhamento formal, o Eixo Berlim-Roma; enquanto a Alemanha e Japão concluíam o “Pacto *Anti-Comintern*” (antissoviético). O Japão invadiu a Manchúria em 1931; a Itália ocupou a Albânia e iniciou sua expansão para a África em 1935, na Etiópia; a intervenção alemã na guerra civil espanhola foi o laboratório bélico para Hitler invadir a Áustria em 1938 e a Tchecoslováquia no mesmo ano.

Esse processo de conquista e expansão é conhecido como “a gestação da Segunda Guerra Mundial”. Restam poucos pontos obscuros sobre esse conflito, os quais procuraremos abordar sucintamente. Um desses pontos mais obscuros é entender o porquê do acordo entre Hitler e Stalin em 1939, o famoso tratado *Molotov-Ribbentrop*, que dividiu a Polônia entre Alemanha e URSS e foi o estopim para a guerra. Outra questão instigante é compreender as causas do Japão não ter atacado a URSS em 1941, quando ela estava fragilizada, preferindo enfrentar a maior potência mundial no Pacífico, os EUA. E o mais surpreendente, como os americanos “se deixaram” atingir em Pearl Harbor de “surpresa” em dezembro de 1941?

O estrategista militar prussiano Carl von Clausewitz (1780-1831) disse que “a guerra é a continuação da política por outros meios”. Onde a diplomacia falha, a guerra torna-se o argumento. As democracias ocidentais tentaram por toda a década de 1930 barrar a ascensão fascista e o imperialismo desses países. Após Hitler romper com o Tratado de Versalhes, militarizando a região da Renânia, recriando a força aérea na poderosa Luftwaffe e anexando a Áustria e a região dos Sudetos (de população alemã) na Tchecoslováquia em 1938, houve a tentativa de conciliação em Munique. Reuniram-se Hitler, Deladier (França), Chamberlain (Grã-Bretanha) e Mussolini (Itália).

Após essa conferência de 1938 em Munique, Deladier e Chamberlain voltaram com a promessa de que o expansionismo alemão havia cessado. Na realidade, Hitler ganhara apenas tempo para assinar um tratado de não agressão com a URSS. Mas o que uniu todas as potências democráticas ocidentais contra o fascismo? Os governos ocidentais não eram visceralmente antialemães nem apaixonadamente antifascistas em princípio. A anexação da Áustria e de partes da Tchecoslováquia, “países distantes dos quais pouco sabemos”, como disse o Primeiro Ministro Britânico Chamberlain, pouco preocupava os ocidentais. Durante o período entreguerras, a ascensão do socialismo na URSS e sua passagem inabalável pela crise de 1929 preocuparam mais os ocidentais que o fascismo. A possibilidade de uma revolução operária em todo o continente era muito mais assustadora para as elites dominantes que o nazismo e o controle que Hitler exercia sobre as massas.

A desconfiança mútua entre Stalin e França-Inglaterra deixou Hitler livre para agir. Os comunistas sabiam que a guerra contra os nazistas seria inevitável, mas tentaram adiá-la o maior tempo possível. Mas o pacto de não agressão germano-soviético de agosto de 1939 – tratado *Molotov-Ribbentrop* – permitiu que Hitler e Stalin dividissem a Polônia. A invasão ocorreu no primeiro dia de setembro de 1939; dois dias depois Grã-Bretanha e França declaram guerra à Alemanha.

## 1940-1942: HITLER SENHOR DA EUROPA

A primeira fase da guerra é conhecida como *Blitzkrieg* (guerra relâmpago), pois consiste em ataques coordenados utilizando infantaria, artilharia e aviação, sem dar ao inimigo tempo para defesa. Seus três elementos essenciais são o efeito surpresa, a rapidez da manobra e brutalidade do ataque. Seu idealizador foi o general alemão Heinz Guderian, um dos militares inovadores em táticas na Segunda Guerra Mundial. Uma de suas criações era o ataque coordenado de tanques *Panzer*, alinhados às dezenas e não dispersos em campo aberto. Imagine um ataque coordenado de centenas de tanques, com apoio aéreo e ataques de artilharia; essa tática permitiu que o Exército alemão conquistasse praticamente toda a Europa no primeiro semestre de 1940.

Com essa máquina de guerra (*Wehrmacht*), os alemães levaram apenas três semanas para conquistar a Polônia em 1939, uma semana para vencer a Dinamarca em abril de 1940, a Holanda em 5 de maio de 1940, a Bélgica em 28 de maio do mesmo ano, a Noruega em 10 de junho de 1940 e a França em 14 de junho de 1940. Em pouco mais de seis meses de conflito, todo o continente europeu estava dominado direta ou indiretamente pelos nazistas. A rendição dos franceses foi humilhante, uma vez que se sentiam protegidos por uma longa cadeia de fortes na fronteira com a Alemanha, a *Linha Magnot*, mas foram pegos pela retaguarda e, sem defesa apropriada aos aviões da *Luftwaffe*, capitularam em poucas semanas. O governo foi transferido de Paris para Vichy, um regime colaboracionista com o *Reich*, sob a chefia do marechal Pétain.

Pétain tinha sido um herói da Primeira Guerra Mundial, destacando-se pela famosa batalha de Verdun, onde os alemães foram barrados em 1915. Em 1940, porém, a resistência dos franceses não foi tão ferrenha quanto na experiência anterior. Após sucumbir de forma rápida e devastadora, o general Pétain foi nomeado chefe do governo com a função de terminar a guerra com os alemães e evitar maiores catástrofes para a França. Ao assinar a paz, ele passa a ter plenos poderes da Assembleia Legislativa, como presidente do governo de colaboração com os nazistas. Na prática, os alemães controlavam indiretamente o governo francês, mas este também flertava com os aliados, com a resistência do Partido Comunista e de militares como Charles de Gaulle.

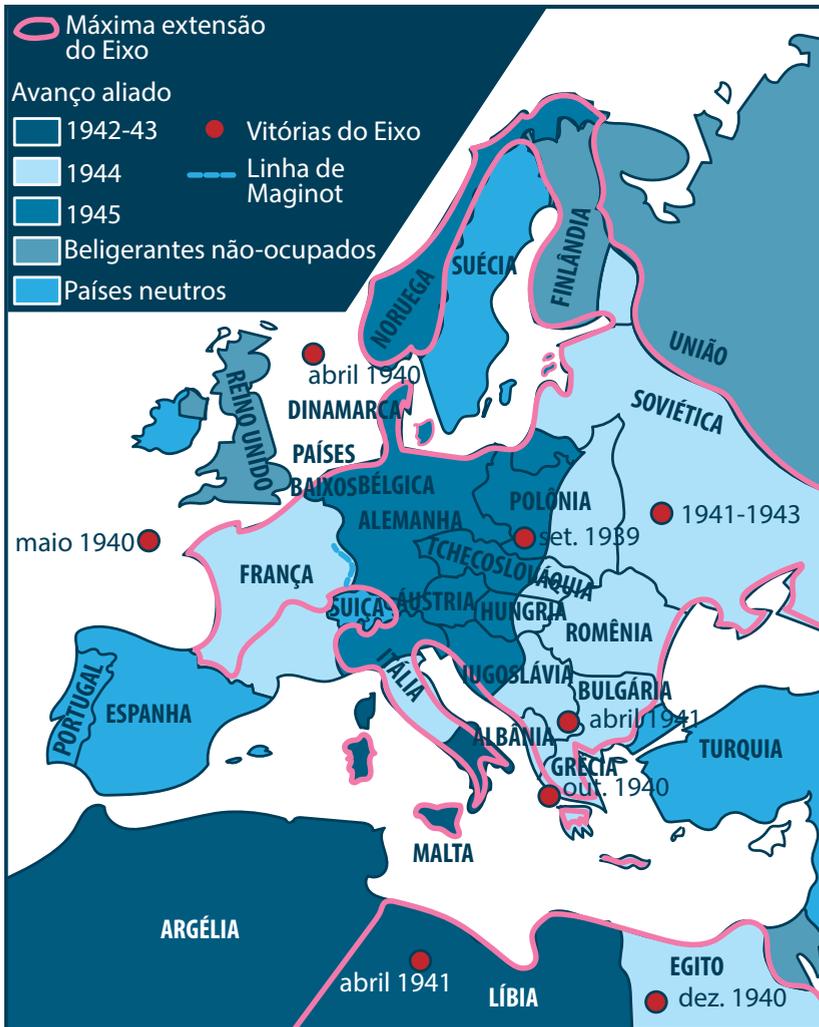


Figura 24: Máxima expansão dos países do Eixo

Fonte: Franco e Andrade (1993).

No final de 1940, apenas a Inglaterra resistia. A atuação dos ingleses foi proporcionada não apenas pela sua conhecida marinha de guerra, mas pela atuação da RAF (*Royal Air Force*). A bravura dos pilotos ingleses levou o novo primeiro ministro Winston Churchill a declarar que “Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”. No norte da África, local estratégico pelo petróleo, os ingleses barraram os inicialmente invencíveis *Afrika Korps* do habilidoso general alemão Rommel, na batalha de *El-Alamein*, com o General Montgomery.

Com a Europa praticamente dominada, Hitler voltou-se para a frente oriental contra a URSS. Preparada por Hitler desde o fim de 1940, a invasão da Rússia, chamada pelo código de “Operação Barbarossa”, visava atingir as cidades de Leningrado, Moscou e Kiev antes do inverno de 1941. Em 22 de junho de 1941, três milhões de soldados, dez mil tanques e três mil aviões penetraram nas linhas soviéticas. Em 10 de julho, o exército alemão já ocupava os países bálticos, a Bielo-Rússia e grande parte da Ucrânia. O ataque fulgurante dos alemães pegou Stalin de surpresa, que via a guerra contra os nazistas como inevitável, por questões de raça (os eslavos seriam escravos dos arianos) e pela ideologia (comunista, extremamente o oposto do nazismo), mas esperava o ataque para 1942 (FERRO, 1995, p. 50-59).

No início de outubro do mesmo ano, os alemães já estavam nos arredores de Moscou. Mas os russos impuseram ferrenha resistência desde 1942, e os alemães foram detidos em Stalingrado no início de 1943. A guerra contra os soviéticos foi muito diferente daquela ocorrida no ocidente europeu. A tática da Blitzkrieg não surtiu o efeito desejado e os alemães deslocaram cerca de 80% de suas divisões para a frente oriental. Para muitos analistas, a resistência dos russos em Stalingrado (1942) é a maior batalha de todos os tempos, tanto no que se refere ao conteúdo das armas utilizadas, quanto ao número de vítimas, estimadas em quase dois milhões.

A URSS transferiu o grosso de sua indústria e alimentos para o interior do país, mais de mil e quinhentas fábricas foram removidas, junto com dezesseis milhões de operários em 1,5 milhões de vagões ferroviários, para além dos montes Urais. Essa “evacuação” deixou apenas o terreno vazio para Hitler, enquanto novos armamentos eram desenvolvidos, como os tanques T-34 e os lançadores de foguetes *Katyushka*. Assim, saíram das fábricas russas cerca de 200 mil canhões e morteiros, 160 mil aviões e 100 mil tanques; apenas os EUA foram capazes de produzir mais armamentos que a União Soviética (BERTONHA, 2011b, p. 89).

Na frente oriental, a partir de 1944, os soviéticos avançam, forçando a rendição da Finlândia, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e Iugoslávia. No dia 2 de maio de 1945, as tropas comunistas tomam Berlim e o *Reichstag* (parlamento), pondo fim à guerra na Europa. No contra-ataque soviético iniciado em 1944 até atingir Berlim em maio de 1945, houve a mobilização

de armamentos tão poderosos que alguns observadores chamaram de “dilúvio de fogo” a reconquista da Polônia. Algo inigualável sem o uso de armas nucleares. Não surpreende, assim, que dos 13,6 milhões de alemães mortos, feridos ou prisionados durante a guerra, 10 milhões o foram na frente oriental. Esses ataques maciços do Exército Vermelho levaram alguns marechais alemães a renderem-se em batalha, o que nunca havia acontecido antes (BERTONHA, 2011b). A URSS havia vencido uma das maiores máquinas militares da história. Mas o custo humano e material foi incomensurável para vencer o Terceiro Reich; entre 25 e 27 milhões de russos perderam a vida nessa guerra.

## A GUERRA NO PACÍFICO E A VITÓRIA DOS ALIADOS

No Pacífico, o protagonismo coube aos EUA. Em 7 de dezembro de 1941, a aviação japonesa bombardeia a base americana do Havaí em Pearl Harbor. Diz Marc Ferro (1995, p. 75),

Como foi possível que os americanos tenham se deixado ‘surpreender’ dessa forma? E por que os japoneses escolheram enfrentar a primeira potência mundial em vez da URSS, que na época estava vulnerável? Crônica de uma agressão programada.

Não fosse Pearl Harbor e a declaração de guerra de Hitler, os EUA sem dúvida teriam continuado de fora da guerra, diz Hobsbawm.



Figura 23: Representação da vitória dos EUA no Pacífico, na ilha japonesa de IWO-JIMA

Marc Ferro é um dos historiadores que suspeitam que os EUA não foram pegos de surpresa em Pear Harbor e que apenas a sucata da marinha Americana foi destruída naquele ataque. Naturalmente, não há como provar a hipótese, o que também não a invalida, uma vez que há evidências que a sustentam. Em 1941 (pouco antes de Hitler ordenar a operação Barbarossa), o embaixador japonês Matsuoka esteve em Berlim para tratar das táticas e alianças mútuas. Ele ouviu de Hitler que “militarmente a Alemanha não precisa de ajuda... e que não pretendia compartilhar sua vitória com ninguém”. Isso queria dizer, nas entrelinhas, que o ataque frente aos russos seria unicamente feito pela Alemanha, enquanto que ao Japão caberia a luta no Pacífico enfraquecendo o império Britânico. Outro dado importante é que o secretário de Estado americano Cordell Hull e o próprio presidente Roosevelt já impunham sanções aos japoneses, sobretudo de matérias-primas. E o mais importante, desde o verão de 1941 os americanos já tinham conseguido decifrar o MAGIC, o código secreto dos japoneses (FERRO, 1995, p. 80).

Por todas essas evidências, as suspeitas de Marc Ferro, de que os americanos sabiam ou, no mínimo, imaginavam um ataque japonês no Havaí, são lícitas. O ataque “surpresa” geralmente leva a opinião pública a apoiar a guerra, era justamente o que Roosevelt precisava para declarar guerra aos países do eixo: apoio interno. Outro dado marcante é que apenas seis meses depois de Pear Harbor, em junho de 1942, os americanos já impunham uma grande derrota aos japoneses na *Batalha de Midway*. Pois as perdas humanas e materiais foram mínimas no Havaí, comparadas com outras grandes batalhas. Nesse sentido, “é duplamente surpreendente que o ataque japonês fosse uma surpresa”, conclui Marc Ferro (1995, p. 81).

No Pacífico, a guerra teve um desfecho igualmente trágico. O lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, não foi justificado como indispensável para a vitória, então absolutamente certa naquele momento, “mas como um meio de salvar vidas de soldados americanos”, diz Hobsbawm (1995, p. 34). Para os historiadores mais ortodoxos, conservadores, o uso de artefatos nucleares serviu para apressar a rendição japonesa, pois os soldados japoneses lutariam até a morte em caso de invasão por terra dos estadunidenses. Já na versão dos historiadores revisionistas, as bombas sinalizaram

a supremacia dos EUA frente à URSS e não ao Japão propriamente dito. Nessa perspectiva, os ataques serviram de aviso à Stalin e deram início às hostilidades da Guerra Fria. Essa segunda versão ganha sustentação se a postura americana nos tratados de guerra com os vencedores for observada atentamente. Em Teerã (anterior à Hiroshima), os americanos se portaram de forma conciliatória com a Grã-Bretanha e URSS; já em Postdan (logo após o ataque nuclear), os EUA, já com o novo presidente Harry Truman, se mostraram autoritários e impositivos quanto aos interesses pós-guerra.

Os dados apresentados anteriormente também ajudam a desmistificar a tese amplamente divulgada pela mídia de que o “Dia D” foi decisivo para os rumos da guerra. O desembarque maciço de soldados aliados na região da Normandia, na França, ocorreu apenas em 6 de junho de 1944. Ora, as batalhas de Stalingrado, Al-Alamein, Guadalcanal e Midway (todas anteriores a 1944) já haviam selado o destino da guerra. Em 2 de fevereiro de 1943, o general alemão Paulus, comandante da frente oriental, decide se render, capitulando com cerca de cem mil homens, contra as ordens de Hitler de lutar até o fim. Consta que Paulus teria dito que não tinha intenção de suicidar-se “por aquele cabo da Baviera [Hitler]” (FERRO, 1995, p. 59).

O número de vítimas é estimado em três ou quatro vezes mais que a Primeira Grande Guerra, ou seja, cerca de 50 milhões de vidas. Alguns países como a URSS, Polônia e Iugoslávia perderam de 10% a 20% de sua população total. As baixas de Alemanha, Itália, Japão e China chegam a 6% de seu total. Apenas Grã-Bretanha, França e EUA tiveram número de vidas inferior a 1914-1918. Os estadunidenses, vencedores da guerra ao lado da URSS, perderam cerca de 350 mil homens, pouco mais da metade das cifras de sua Guerra civil, a Secessão de 1861-1865, estimadas em 600 mil homens. Ao passo que os soviéticos perderam dez milhões de soldados e quantidade semelhante de civis na Segunda Guerra Mundial. Cerca de 80% dos russos do sexo masculino nascidos em 1923 morreram durante a guerra.

Os bens materiais também são incalculáveis, tendo em vista que a Segunda Guerra levou os campos de batalha da área rural para a urbana, para as cidades. Hobsbawm (1995) estima que 25% dos bens de capital pré-guerra foram destruídos na URSS durante a Segunda Guerra, 13% na Alemanha e 7% a 8% na França e Itália.

Naturalmente os números são apenas estimativas, uma vez que seria absolutamente incontável em cifras exatas as perdas de guerra; algo incomensurável. Acho interessante a reflexão de Eric Hobsbawm (1995, p. 50) sobre esses números absurdos e astronômicos. “Seria menor o horror do holocausto se os historiadores concluíssem que exterminou não 6 milhões (estimativa original por cima, e quase certamente exagerada), mas 5 ou mesmo 4 milhões?” Ou, então, vinte milhões de vítimas soviéticas em vez dos estimados 27 milhões?



Figura 26: A bandeira soviética no topo do destruído Parlamento alemão (Reichstag) após duas longas semanas, de 16 de Abril a 2 de Maio, pela capital do III Reich. A Segunda Guerra Mundial acabaria na Europa, dias depois, em 8 de Maio de 1945.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



#### REFLITA

“Para cada mil guerras não aconteceram dez revoluções; tão difícil é o andar ereto. E mesmo onde [as revoluções] tiveram êxito, os opressores em geral pareciam mais substituídos do que abolidos”.

Fonte: Ernst Bloch(2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a Europa devastada em 1945, os vencedores da guerra não cometeriam os mesmos erros de 1919, no Congresso de Versalhes. A cobiça e a intransigência da França e Inglaterra deram lugar a políticas de reconstrução e apoio econômico. Como se sabe, boa parte das dívidas de guerra da Alemanha foi perdoadada. Em 1919, os aliados cobravam indenizações; em 1945, houve um paternal projeto de empréstimos; no lugar de hostilidades recíprocas, houve pacifismo e cooperação.

Os acordos de guerra (primeiro em Teerã, em 1943; em Moscou, no outono de 1944; em Ialta, Crimeia, em fevereiro de 1945; em Potsdam, na Alemanha já ocupada, em agosto de 1945) consolidaram as esferas de influência dos países vencedores, EUA e URSS. A criação da Organização das Nações Unidas (ONU), do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI), da Organização Mundial do Comércio (OMC) visavam estimular políticas econômicas e balizar os interesses dos vencedores, sobretudo americanos.

Ainda que o antagonismo entre EUA e URSS tenha começado logo após o final do conflito mundial, dando início à Guerra-fria, pode-se sustentar que a humanidade nunca viveu tão bem quanto nos anos 50 e 60 do século XX. A ideia-chave era elementar: se os homens conseguiam mobilizar tantos recursos em tempos de guerra, seria natural que o fizessem também em tempos de paz. Por isso o modelo econômico do keynesianismo triunfou no pós-guerra, com pleno emprego e a ascensão do famoso *american way of life* (estilo de vida americano), um contraponto publicitário ao comunismo da União Soviética. A coexistência dessas duas potências em equilíbrio permitiu que boa parte da humanidade vivesse no *welfare state* (Estado de bem-estar social), com exceção do chamado terceiro mundo.

Na última unidade, vamos entender o período da Guerra-fria, as tensões, espionagem, políticas de influência e guerras periféricas.



## PODER E PERSUASÃO DO TERCEIRO REICH

Até o momento, abordamos a parte “fácil” dos estudos sobre o nazismo, sua trajetória e características em busca de uma tipologia para análise. Agora, vamos complicar e sofisticar um pouco nosso objeto de estudos. Na primeira leitura, as seguintes passagens podem parecer obscuras, mas, uma vez verificadas atentamente, nos auxiliam a compreender melhor o fascismo alemão. O filósofo e historiador judeu-alemão Ernst Bloch (contemporâneo ao nazismo e exilado nos EUA) desenvolve a “sociologia assincronica” da sociedade alemã, escrita na década de 1930, no livro específico sobre a escalada nazista chamado **Herança desta época**.

A teoria da assincronia consiste em demonstrar que nem todos vivem no mesmo *Agora*, ou seja, trata da “não simultaneidade dos tempos”. Para Bloch, não existe um paralelismo entre a evolução histórica de diferentes eventos com uma diferente percepção do tempo. É assincronico aquilo que não é simultâneo ao capitalismo de respectiva época, é, portanto,

uma consciência que se coloca de forma oblíqua, ‘atravessada’ em relação às superestruturas culturais e espirituais que correspondem ao respectivo nível de desenvolvimento das forças produtivas e das condições de produção capitalista (MUNSTER, 1997, p. 221).

São formas de consciência nas quais se mantêm elementos do pensamento pré-capitalista, pré-industrial, mesmo após esses pressupostos econômicos terem sido liquidados. Persistindo certo romantismo e aversão ao progresso.

O êxito do nazismo foi conseguir a convergência dos mais diversos tempos existentes na sociedade alemã no começo do século. Quais seriam esses tempos?

1) Havia, primeiro, os tempos míticos. O “tempo periódico” ou “recorrente” de uma população apegada às suas crenças arcaicas, que se expressarão, por exemplo, no mito da “terra e sangue”. 2) O “tempo messiânico”, que se expressa na Alemanha durante muitos séculos pela espera do herói político. 3) O “tempo apocalíptico”, que afirma que surgiria e se instalaria na Europa o Terceiro Reino (Terceiro Reich), o paraíso do Espírito Santo e da Felicidade. Mito que atravessou não só toda a Europa, como também os séculos desde Joaquim de Fiore até Hitler, com o seu grotesco e trágico Terceiro Reich. 4) Tempos puramente sociais como o “tempo recessivo”, que caracterizava a visão de mundo da pequena burguesia, que se encontrava naquela época em recessão econômica e de inflação, esmagada por uma proletarização de fato à qual só poderia opor uma exaltação moralista das suas impossíveis virtudes. 5) Havia também o “tempo vazio”, o tempo zero, das grandes massas urbanas. As massas esperavam sair de sua condição miserável de *lumpenproletariat* (literalmente *Lumpen* significa “trapo”) para tornarem-se bons cidadãos, isto é, pequenos burgueses aceitos e integrados. 6) Havia, enfim, o “tempo processivo” que valorizava as mudanças – mas de maneira formal somente. Ignorava as opções, as escolhas e as decisões que cada mudança devia na realidade implicar. Este tempo era o último traço do “tempo revolucionário socialista” (FURTER, 1974, p. 63-65).





Bloch constata que os nazistas exploraram fraudulentamente a assincronia. Entretanto eles tinham a seu favor as condições sincrônicas, isto é, o monopólio do poderoso capital alemão ameaçado pelo socialismo. O poder de persuasão nazista por meio da fraude e do plágio aos elementos socialistas é perceptível na difusão da cor vermelha, na falsificação e malversação de termos fundamentais ao marxismo, com o objetivo de camuflar a contradição entre trabalho e capital. Ironicamente, Bloch afirma que o pomposo título do “Partido nacional-socialista dos trabalhadores alemães” foi criado para que “os assassinos e suas vítimas pudessem se cumprimentar como camaradas”, na medida em que o nazismo “pratica a superação do proletariado proposta por Marx, por meio de fuzilamentos e campos de concentração” e, ao mesmo tempo, se apresenta como o “verdadeiro Jacó do socialismo”. No Gênesis, Jacó foi o terceiro patriarca dos judeus, neto de Abraão e filho de Isaac.

Boa parte da propaganda nazista e sua força de persuasão está relacionada a elementos sagrados ou míticos. Todavia, como afirma Benjamin (2013, p. 163) em sua “Crônica dos desempregados alemães”, “o Reino de Deus os alcança como catástrofe”, pois ele “é algo como sua imagem inversa, o aparecimento do anticristo. Como se sabe, este arremeda a bênção que foi anunciada como messiânica. Assim sendo, o Terceiro Reich arremeda o socialismo”. De acordo com Michael Löwy (2013), essa passagem é uma espécie de crítica judaico-cristã do nazismo como falso Messias, como anticristo, como manifestação diabólica do espírito do mal, enganador e ardiloso. O socialismo é assim teologicamente interpretado como o equivalente da promessa messiânica, enquanto o regime de Hitler é a imensa mistificação que se pretende “socialista e nacional” (*apud* SOUSA, 2015).

Walter Benjamin (1994, p. 61), em suas “Teorias do fascismo alemão”, de 1930, analisando a relação de causa e efeito do fascismo às portas do poder, afirma que “a realidade social não está madura para transformar a técnica em seu órgão e que a técnica não é suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade”, no mesmo sentido, a “guerra imperialista é codeterminada, no que ela tem de mais duro e de mais fatídico, pela distância abissal entre os meios gigantescos de que dispõe a técnica, por um lado, e sua débil capacidade de esclarecer questões morais, por outro”.

Walter Benjamin (1892-1949), pensador judeu, vivenciou as atrocidades nazistas “no calor da hora” e teve que exilar-se em Paris, em 1933, até sua morte, em 1940, quando optou pelo suicídio durante a fuga desesperada das tropas da Gestapo, na fronteira entre França e Espanha. Benjamin é seguramente um dos maiores pensadores do século XX e nos deixou uma herança cultural notável, no que se refere à crítica da modernidade, da técnica capitalista e da estética moderna.

“Jamais a liberdade de movimento esteve em maior desproporção com a riqueza dos meios de locomoção”, escreveu o filósofo Walter Benjamin (1995, p. 67).

Fonte: Sousa (2015).



## ATIVIDADES



1. Como resposta à crise causada pelo crash da bolsa de Nova Iorque em 1929, o presidente Franklin Roosevelt criou o New Deal, novo modelo econômico. **Assinale a alternativa que corresponde às características desse plano:**
  - a) Política econômica baseada no liberalismo e no Laissez-faire.
  - b) Política econômica baseada no socialismo e em Karl Marx.
  - c) Política econômica de desregulação do mercado financeiro.
  - d) Política econômica intervencionista, visando ao pleno emprego e à regulamentação do mercado financeiro.
  - e) Política econômica que aplicava as doutrinas do economista John Maynard Keynes (keynesianismo), ou seja, a teoria do Estado Mínimo.
  
2. O Fascismo possui algumas características que permitem identificá-lo como um movimento político típico do período entreguerras. **Assinale as características do fascismo que formam uma tipologia para sua análise:**
  - a) O fascismo tem como características o socialismo, o comunismo e a cor vermelha.
  - b) O fascismo tem como características o liberalismo, o capitalismo e o autoritarismo.
  - c) O fascismo tem como características o bolchevismo e o totalitarismo.
  - d) O fascismo tem como características a democracia, a tolerância racial e ideológica e a liberdade de expressão.
  - e) O fascismo tem como características o antiliberalismo, o anticomunismo, o nacionalismo exacerbado, com uma liderança carismática.
  
3. Sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), **leia as afirmações a seguir e assinale a única opção correta:**
  - I. Ocorreu como consequência do Tratado de Versalhes (1919), como política expansionista de Hitler e do nazismo.
  - II. Seu fim marcou o início da Guerra Fria e a divisão mundial em dois blocos: capitalista versus comunista.
  - III. Teve origem quando os EUA declararam guerra ao Japão após Pearl Harbor.
  - IV. A primeira fase da guerra ficou conhecida como blitzkrieg, ou guerra relâmpago, quando o exército alemão conquistou praticamente toda a Europa.

## ATIVIDADES



- V. Deixou um saldo de quase 50 milhões de vidas e genocídios nunca antes vistos como o Holocausto e as bombas de Hiroshima e Nagasaki.
- Todas as alternativas estão corretas com exceção da afirmativa I.
  - Todas as alternativas estão corretas com exceção da afirmativa II.
  - Todas as alternativas estão corretas com exceção da afirmativa III.
  - Todas as alternativas estão corretas com exceção da afirmativa IV.
  - Todas as alternativas estão corretas com exceção da afirmativa V.
4. Sobre o Holocausto, a tentativa de extermínio dos judeus pelos nazistas, **assinale a alternativa correta quanto à “solução final para a questão judaica”**.
- O extermínio em massa de judeus começou logo após a subida de Hitler ao poder, em 1933.
  - A decisão de exterminar os judeus de toda a Europa foi tomada na Conferência de Wannsee, em janeiro de 1942. Os responsáveis diretos pelo holocausto foram Adolf Hitler, Heydrich e Himmler.
  - O holocausto ficou restrito aos judeus do leste europeu nos “campos de concentração”, sendo Varsóvia e Auschwitz os mais notáveis.
  - A solução final teve como motivação o fato de Karl Marx, criador do socialismo científico, ter sido judeu.
  - Holocausto significa o extermínio de ciganos, homossexuais e negros.



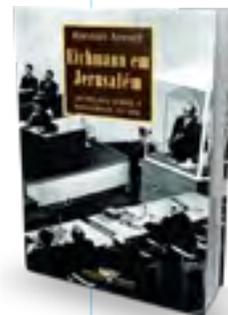
LIVRO

## **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**

Hannah Arendt

**Editora:** Companhia das Letras

**Sinopse:** publicado originalmente em 1963, o livro logo se tornou referência nos estudos sobre o nazismo. O livro tem dois objetivos claros. O primeiro busca narrar o sequestro de Adolf Eichmann, um Tenente-Coronel nazista e refugiado na Argentina após a queda do Terceiro Reich. Ele foi encontrado pelo Mossad, o serviço secreto israelense, e levado a Jerusalém para o julgamento. O segundo objetivo é demonstrar os mecanismos de morte do regime nazista através do depoimento de Eichmann. Hannah Arendt acompanhou o julgamento e descreveu os planos fascistas para a “solução final” do problema judeu.



LIVRO

## **O capitalismo como religião**

Walter Benjamin

**Editora:** Boitempo

**Sinopse:** O livro de Benjamin demonstra como as peregrinações em busca da mercadoria fetiche e do dinheiro tornaram-se uma espécie de religião. O capitalismo é uma religião de mero culto, sem dogma. O capitalismo desenvolveu-se no Ocidente de forma parasitária sobre o cristianismo – o que não se demonstra apenas com o exemplo do Calvinismo, mas também com o das outras orientações ortodoxas cristãs. “De tal modo que a história do cristianismo se tornou essencialmente a do seu parasita, o capitalismo” (BENJAMIN, 2012, p. 37). Para Walter Benjamin, o capitalismo é um culto que não redime, mas deixa um sentimento de culpa, não visa à redenção, portanto. “É o fim da transcendência de Deus”, ele conclui.





## FILME

**Título:** Círculo de fogo

**Ano:** 2001

**Sinopse:** O filme descreve a atuação dos franco-atiradores soviéticos na Batalha de Stalingrado, a mais violenta da Segunda Guerra Mundial. Baseado numa história real do soldado Vasily Zaitsev que se tornou símbolo da ferrenha resistência da URSS e marcou o início da contraofensiva dos aliados contra os nazistas.



## FILME

**Título:** A Queda

**Ano:** 2008

**Sinopse:** O filme narra os últimos dias de Adolf Hitler e da cúpula nazista em 1945, protegidos num bunker em Berlim. A atuação do ator Bruno Ganz é bastante fiel na tentativa de reconstruir os trejeitos e a personalidade de Adolf Hitler. Baseado no depoimento de Traudl Junge, secretária particular de Hitler, e na obra do escritor Joachim Fest, um renomado pesquisador do nazismo. O filme vale ser assistido não apenas pela atuação dos atores, mas pela releitura do clima persuasivo e autoritário dos nazistas sobre a população, resignada.

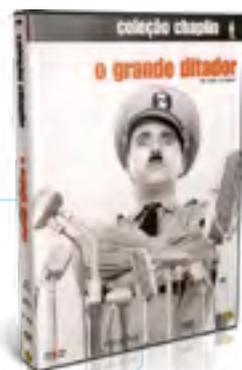


## FILME

**Título:** O grande ditador

**Ano:** 1940

**Sinopse:** Filme em que Charlie Chaplin satiriza o regime nazista, a personalidade excêntrica de Hitler e seus discursos marcados pelo ódio aos judeus, comunistas e negros. Um filme célebre.





## FILME

**Título:** Operação Valquíria

**Ano:** 2008

**Sinopse:** Filme estrelado por Tom Cruise baseado numa conspiração do Exército alemão para assassinar Adolf Hitler, chamado "Operação Valquíria". O teor conspiratório de suspense mantém um clima de tensão em todo o filme. No total, Hitler sobreviveu a quinze tentativas de assassinato.



## FILME

**Título:** O tambor

**Ano:** 1979

**Sinopse:** Filme dirigido por Volker Schlöndorff, vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro, baseado na obra do renomado escritor alemão Günter Grass. Uma das raras obras que descreve a atuação do regime nazista por meio da família alemã. Na trama, um menino recusa-se a crescer, a se tornar adulto. Mas ele tem o um dom, o grito e um instrumento, o tambor. Na prática, Günter Grass descreve o próprio Hitler como um menino que se recusou a esquecer do trauma da Primeira Guerra, com o dom do grito (oratória) e o tambor, representando a guerra.



## FILME

**Título:** A vida é bela

**Ano:** 1997

**Sinopse:** O filme estrelado e dirigido por Roberto Benigni é ao mesmo tempo romântico e utópico. Ele narra um pai separado da família que reencontra o filho num campo de concentração nazista. Para evitar que o filho tomasse consciência da escravidão e morte dos campos de concentração, o personagem, magistralmente interpretado por Benigni, induz o filho a ver aquilo tudo de forma lúdica, como uma brincadeira, um jogo. Vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro.

